

PARÓDIA (A) – Jornal humorístico ilustrado publicado em Lisboa por **Rafael Bordalo Pinheiro** (1846-1905), entre 1900 e 1907, com a seguinte numeração (por anos de existência):

→ Ano 1, n.º 1 (17 de Janeiro de 1900) a n.º 50 (26 de Dezembro de 1900), num total de 400 páginas;

→ Ano 2, n.º 51 (2 de Janeiro de 1901) a n.º 102 (25 de Dezembro de 1901), 416 páginas;

→ Ano 3, n.º 103 (1 de Janeiro de 1902) a n.º 155 (31 de Dezembro de 1902), 424 páginas;

→ Ano 4 (na publicação aparece ano 1, devido à mudança de título para *Paródia: comédia portuguesa*), n.º 1 (14 de Janeiro de 1903) a n.º 51 (31 de Dezembro de 1903), 432 páginas;

→ Ano 5 (ano 2, do *novo* título), n.º 52 (7 de Janeiro de 1904) a n.º 103 (29 de Dezembro de 1904), 408 páginas;

→ Ano 6 (3), n.º 104 (5 de Janeiro de 1905) a n.º 152 (29 de Dezembro de 1905), 384 páginas - este último número indica o ano 5, fruto dum acerto mal feito na numeração a partir do número 108 (24 de Fevereiro de 1905), quando *cai* o subtítulo do jornal;

→ Ano 7 (o jornal indica ano 6, resultado do erro que vem de trás), n.º 153 (7 de Janeiro de 1906) a n.º 175 (29 de Dezembro de 1906), 176 páginas;

→ Ano 8 (aqui acertam finalmente a numeração), n.º 176 (5 de Janeiro de 1907) a n.º 192 (1 de Junho de 1907), 132 páginas.

Além de fundar *A Paródia*, **Bordalo foi também seu director, até Janeiro de 1905**. Com a morte do caricaturista, a 23 desse mês, o jornal passou a ser dirigido pelo filho, **Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro** (1867-1920), ainda que tal só apareça no cabeçalho a partir do n.º 188 de 20 de Abril de 1907. Pai e filho que eram também proprietários do jornal. Como editor, tínhamos **Cândido Chaves**; na administração, **Gonzaga Gomes**.

Em 1903, com a mudança do título para *Paródia: comédia portuguesa*, fruto da fusão d'*A Paródia* com a revista *Comédia Portuguesa*, dirigida por Julião Machado e **Marcelino Mesquita**, este transita para o novo jornal como director literário. Bordalo aparece referenciado pela primeira vez como director artístico.

Além do caricaturista, o principal *animador* do jornal até 1905, participaram na ilustração d'*A Paródia*, **Manuel Gustavo**, **Celso Hermínio**, **Jorge Cid**, **Manuel Monterroso**, correspondente no Porto, e **João de Saavedra**. Nos últimos anos, surgem outros colaboradores, de menor relevo, como **Petrus**, **Manuel Maria**, **Sancho**, **Alfredo Cândido**, **Botelho**, **Neca**, **A. T. B.**, e muitos mais, com presença esporádica (jovens caricaturistas, cuja mediocridade era aceite).

De estrangeiros, reproduziram-se desenhos de **Caran d'Ache, Does, Moriss, Poulbot, Plaschke, Glackens, Sem, Léandre, Bac, Pólo Rousset, Untel et Préjelen e Guillaum**. Também se reproduziu colaboração de revistas estrangeiras, sobretudo de *Lüstige Blätter*, de Berlim, da parisiense *Le Rire*, mais raramente de *L'Assiette au Beurre*, do *Blanco y Negro*, do *Madrid Cómico* ou do *Punch*.

Como principais colaboradores literários temos, desde o início, **Rivol e Tito Litho (Guedes de Oliveira, do Porto)**, poetas de gazetilha, **José Inácio de Araújo, Thyrsó, Teixeira de Sousa, Marcelino Mesquita (Dois Emes), Esculápio (Eduardo Fernandes)**, e, depois, com vários pseudónimos ocasionais, cuja identificação se desconhece, **João Evangelista, Pimpolho, Barão Quim, Xenofonte de Risco ao Lado, Bonifácio, Simplício, Caturra, O Outro Eu, O Ferrador**, entre outros. Mas foi **João Chagas (João Rimanso; em 1906, João Risonho)** quem mais se destacou, assumindo-se, a partir de Agosto de 1902, como o cronista certo e principal d'*A Paródia*.

A Paródia define-se, num **editorial** assinado por Bordalo e Manuel Gustavo, como “a caricatura ao serviço da grande tristeza pública”, “a dança da Bica no cemitério dos prazeres”. Já não era *O António Maria*, enterrado com a Regeneração, Fontes e o Passeio Público. Era outra coisa, pois o tempo também era outro. *A Paródia*, diziam, “somos nós todos”, numa provocadora generalidade do retrato social português. **Caricaturas e sátira política, propunha-se, a par de bom humor, troça, “inofensiva graça”, num jornal que se pretendia popular e imparcial.**

Bordalo procurou também chegar a um novo público, extrafamiliar. Procurou-o e conseguiu-o, sobretudo nos primeiros anos da publicação. Com efeito, **o êxito d'*A Paródia* foi excepcional, com tiragens muito próximas dos 25.000 exemplares**. O que lhes permitiu o “desvario dos números de quatro páginas a cores”, que depois se tornou regra, com as restantes a preto e branco, num total de oito páginas. A partir de 1903, com o aparecimento em força dos **anúncios**, quer na capa quer no interior do jornal, não raras vezes temos doze páginas.

Para o sucesso d'*A Paródia* muito contribuiu a qualidade da ilustração e o riso que os desenhos de Bordalo e companhia provocavam nos seus leitores. **O artista atinge aqui o auge do seu trabalho artístico como caricaturista, que o leva aos píncaros da fama**. Alfredo Mesquita, do *Brasil-Portugal*, definia-o certeira­mente como o “**aristocrata da troça**”, num texto sobre a nova divisa de Bordalo “no seu novo jornal de caricatura e sátira”, que *A Paródia* reproduzia na sua edição de 28 de Fevereiro de 1900.

Dos muitos trabalhos do caricaturista, **destaca-se a série zoopolítica** (que conta com a colaboração de Manuel Gustavo), num conjunto de 9 desenhos onde se fixam “os protagonistas estruturais da cena política nacional, aos quais os partidos fatalmente se submetem, em usos e costumes do dia-a-dia constitucional”: **a política era “a Grande Porca”; a finança, “o Grande Cão”, a economia, “a Galinha Choca”; a retórica parlamentar, “o Grande Papagaio”; o progresso nacional, “o Grande Caranguejo”; a burocracia,**

“a Grande Rata”; a beneficência, “o Grande Cágado”; a instrução pública, “a Grande Burra”; e a reação, “a Grande Toupeira”.

Depois, tínhamos as figuras que encarnavam aqueles costumes, **o que permitiu o encontro de Bordalo com velhos conhecidos, heróis d’O António Maria**, como os chefes partidários Luciano de Castro e Hintze Ribeiro (os mais frequentes), Augusto Fuschini, Veiga Beirão, Ressano Garcia, Emídio Navarro, José Maria Alpoim, Mariano de Carvalho, Dias Ferreira, o juiz Veiga, da Instrução Criminal, um dos ódios de estimação de Bordalo, o conde do Restelo, o incontornável Burnay, D. Carlos, João Franco (o homem novo entre os velhos políticos ou a alternativa à República que o ataca), Bernardino Machado, Afonso Costa, e outras figuras, com lugar secundário.

O **Zé Povinho** deixa de ter aqui a omnipresença dos anos 80, **sendo menos necessário na nova descrição dos eventos**. As suas caracterizações reduzem-se, **mantendo, porém, o seu papel de vítima**.

Entre os **acontecimentos que mereceram uma especial atenção d’A Paródia**, mencione-se: em 1900, a participação de Portugal na exposição universal de Paris, a questão inglesa e a morte de Eça de Queirós; no ano seguinte, o caso Calmon, a ruptura partidária de Franco e o congresso colonial; em 1902, a falsificação de dinheiro, que tanta polémica causou na capital; em 1903, a visita de Eduardo VII a Portugal e a greve geral de Coimbra; em 1904, a guerra russo-japonesa; no ano seguinte, a questão dos tabacos, a revolução russa e a visita de Loubet a Lisboa; em 1906, a questão dos adiantamentos à Casa Real; e, no último ano, a greve académica de Coimbra e a nova lei de imprensa.

Descortinamos **ainda outros temas, muito recorrentes**, como o Carnaval, o teatro, a ópera, que Bordalo sempre apreciou, ou as eleições, a dívida pública e os convénios com credores externos (ontem, como hoje!), o rotativismo dos partidos políticos, sobre os quais a verve do caricaturista incidia com inusitada violência.

Excetuando a crónica principal, que tanto versava sobre matéria política como económica, cultural ou social, todas as outras secções do jornal eram muito irregulares. **Sobressaíram, no entanto, as seguintes colunas**: “O Estrangeiro na Paródia”, “Interview da «Paródia»”, “Por aqui, por ali e por acolá” (secção que funcionava como revista da imprensa), “Ditos”, “Bibliografia” (crónica de livros), “Ai Life” (crónica social), “Outra na Ferradura”, “O Correio da Paródia” (destinada às cartas dos assinantes e leitores), “Guitarra da Paródia”, “Caturrices”, “Factos e Comentários”, entre outras.

A *Paródia* saía às quartas-feiras, à tarde, **periodicidade** que assegurou praticamente até ao fim, com breves alterações, interrupções ou alguma irregularidade nos últimos dois anos.

Foi publicado um **número especial**, o n.º 107, de 10 de Fevereiro de 1905, de **homenagem a Bordalo**, com vários retratos e fotografias do caricaturista, carta de Ramalho Ortigão a Manuel Gustavo, depoimento de João Chagas, reprodução do Zé Povinho publicado no *Álbum das Glórias* e croquis de

Bordalo pintado por John Sargent. A primeira página reproduzia, em tamanho mais pequeno, a célebre estampa que Bordalo publicara na *Paródia* de 11 de Junho de 1903, depois do banquete que lhe fora oferecido no teatro D. Maria II. Nesta, o caricaturista é caricaturado por ele mesmo, em duas distintas épocas de vida: de um lado, o Bordalo d'O *António Maria*, de 1879, jovem e altivo, do outro, o d'A *Paródia*, vinte anos depois, já velho e resignado, num encontro, como dois desconhecidos que se cruzam na rua e param para pedir lume.

Foi ainda publicado um **suplemento**, com data de 7 de Fevereiro de 1903, na sequência da apreensão d'A *Paródia*, em Dezembro do ano anterior, que reproduzia a sentença do juiz Pina Calado, dando razão ao jornal, e que anunciava o fim d'A *Paródia* e a sua fusão com *A Comédia Portuguesa*. A apreensão do jornal fora desencadeada pela publicação dum retrato de D. Carlos (*A Paródia*, N.º 152, 10 de Dezembro de 1902, p. [400]), da autoria de Manuel Gustavo, num desenho em que o rei nos aparece com ar descuidado dos destinos da Nação. O juiz Veiga encarregou-se do respectivo processo. Mas o caso, após contestação, e muito divertimento à custa do famigerado juiz Veiga, terminaria bem para o jornal, com a anulação da apreensão e até uma indemnização.

A **redacção e a administração** d'A *Paródia* ficavam na Rua da Barroca, 115, no Bairro Alto. Pouco depois, muda-se para a Rua do Grémio Lusitano, 66, onde permaneceu até 1904. Seguiu-se ainda a Rua dos Mouros, 37, e, por último, o Largo do Conde Barão, 50. A **impressão** era feita na tipografia da Companhia Nacional Editora, situação que não se manteve por muito tempo, pois logo a partir de Agosto do primeiro ano assistimos a mudanças, com a composição na Minerva Peninsular e impressão na Litografia Artística. Nova alteração, só a partir de Maio de 1905, com a oficina A Editora a ocupar-se da impressão para, a partir de Outubro do ano seguinte, acumular com a composição até ao fim do jornal.

A *Paródia* **custava 20 réis**, com distribuição assegurada para a província (através do *Correio da Noite*), África e estrangeiro mediante assinatura com pagamento adiantado (série de 26 números, 500 réis; 52 números, 1\$000 réis; cobrança pelo correio, 100 réis). Sabemos que era vendido em Paris no quiosque 10, Boulevard des Capucines (Grand Café). A partir de 1903 são introduzidas alterações nas assinaturas anuais, com as vendas para o estrangeiro a aumentarem para 1\$500 réis (1\$800, em 1904). Brasil e Índia Portuguesa passam a fazer parte dos destinatários, com assinaturas por ano de 2\$500 réis e 1\$000 réis, respectivamente.

Em Fevereiro de 1905, o preço avulso duplica, para 40 réis, aumento que a direcção d'A *Paródia* vai justificar para responder às pesadas despesas de publicação que um jornal a cores acarretava e às insuficientes receitas e para introduzir “o programa de uma vida nova”, que passou essencialmente pelo uso de melhor papel, tiragens a 3/4 cores, adopção de capa (destinada a anúncios, ilustrada semanalmente com caricatura do “Homem do Dia” e acompanhada de breve perfil literário), e pelo reatamento “da tradição da folha humorística ilustrada, tal como a criou Rafael Bordalo Pinheiro, ilustrando o texto e tornando-o assim, graças ao concurso da caricatura, mais expressivo e mais brilhante” (“A ‘Paródia’ a 40 réis”, in *Paródia*, N.º 108, 23 de Fevereiro de 1905,

p. 6). Logo nos números seguintes estas melhorias são visíveis, com o preço a manter-se até ao fim do jornal, em 1907.

Por Álvaro Costa de Matos.

Lisboa, HML, 11 de Julho de 2013.

Bibliografia consultada:

DEUS, António Dias de – **Os Comics em Portugal. Uma História da Banda Desenhada**. Lisboa: Cotovia/Bedeteca de Lisboa, 1997;

FRANÇA, José-Augusto - **Rafael Bordalo Pinheiro – O Português tal e Qual**, Capítulo VII, «A Paródia» (1900-1905/6), 2.^a Edição. Lisboa: Livraria Bertrand, 1982, pp. 411-495;

FRANÇA, José-Augusto – **O Essencial sobre Rafael Bordalo Pinheiro**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005;

LOPES, Maria Virgílio Cambraia – **O Teatro n’A Paródia de Rafael Bordalo Pinheiro**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005;

LOPES, Maria Virgílio Cambraia – **Rafael Bordalo Pinheiro. Imagens e Memórias de Teatro**. Lisboa: Câmara Municipal – Museu Bordalo Pinheiro : Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013;

MANIQUE, António Pedro, e Proença, Maria Cândida – **O António Maria, A Paródia**. Lisboa: Alfa, 1990;

MATOS, Álvaro Costa de, “A Rolha... Política e Imprensa na Obra Humorística de Rafael Bordalo Pinheiro”, in **A Rolha/Bordalo. Política e Imprensa na Obra Humorística de Rafael Bordalo Pinheiro**. Catálogo da Exposição. Lisboa: Hemeroteca Municipal de Lisboa, 2005, pp. 9-20;

MEDINA, João – **Zé Povinho Sem Utopia: ensaios sobre o estereótipo nacional português**. Cascais: Câmara Municipal, 2004;

MEDINA, João – **Caricatura em Portugal. Rafael Bordalo Pinheiro, Pai do Zé Povinho**. Lisboa: Edições Colibri, 2008;

SOUSA, Osvaldo Macedo de – **História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal**, Vol. I (**Na Monarquia, 1847-1910**). Lisboa: Humorgrafe/SECS, 1998.